

Por uma terra fraterna

«No ano passado, o tremor de terra, depois um furacão e depois ainda a doença da cólera devastaram o Haiti. Nessa altura, levantou-se no mundo inteiro uma enorme vaga de simpatia. Todos nós gostaríamos de estar próximos deste povo sofredor». (Irmão Alois em Roterdão, 29/12/2010)

Karl (Haiti) veio a Taizé há cinco anos para passar alguns meses. Transmitiu a seguinte mensagem depois do terramoto de 12 de Janeiro de 2010:

Agora que nos preparamos para recordar os nossos irmãos e irmãs vítimas desta tragédia, gostaríamos de vos garantir a nossa incansável confiança nessa luz que guia os passos de jovens dos cinco continentes em peregrinação sobre a pequena colina de Taizé.

Convido-vos, uma vez mais, a rezar por todos os que, neste dia de grande tristeza, não deixaram de nos transmitir o seu incentivo de solidariedade e de generosidade, ao virem ajudar estes pobres inocentes, estas crianças órfãs que choravam e enterravam os seus familiares, enquanto limpavam as suas casas com as suas fracas mãos.

Rezemos igualmente pelos nossos irmãos e irmãs, vítimas da cólera. As suas casas foram destruídas pelo sismo. Os seus campos foram devastados pelos ciclones. Não havia nem hospitais nem água para matar a sua sede.

Hoje, passado um ano, nos campos onde ainda definham na miséria mais abjecta, eles continuam à espera de uma resposta urgente, de um amanhã melhor.

Rezemos finalmente para que a reconstrução do Haiti passe em primeiro lugar pela fraternidade, pelo amor verdadeiro e pela limpeza urgente dos corações de todos os que perturbam este processo.

«Depois do encontro latino-americano no Chile, passei dois dias no Haiti. Há já muito tempo, tínhamos aí estado alguns irmãos com o irmão Roger e, depois, os laços com este país foram-se aprofundando cada vez mais. Vinte e cinco jovens haitianos participaram no encontro de Santiago». (Irmão Alois em Roterdão, 29/12/2010)

Iliana (Haiti)

Já tinha por hábito escutar os cânticos de Taizé e tinha ouvido falar das orações e dos encontros. Mas, vivê-lo em Santiago foi para mim uma experiência extraordinária. O que mais me tocou foi o acolhimento e a comunhão ao longo do encontro. Apesar da diferença entre povos, culturas e tradições, a partilha e a confiança reinaram.

As orações comunitárias, tão profundas e tocantes, reanimaram a minha fé e deram-me coragem. Agora, continuo a ter esperança e a viver como filha de Deus no meio destas provações por que passamos. Hoje, posso testemunhar na minha comunidade, no meu país, que encontrei Deus e que partilho a sua alegria. Digo aos meus amigos que podem ter confiança, porque Deus continua fiel. Digo-lhes também que temos milhares de irmãos que rezam connosco e que contam com a nossa humilde oração.

Exantus (Haiti)

O encontro de Santiago, à volta do tema «Por uma terra fraterna», foi um momento inesquecível, partilhado com jovens latinos e de outros continentes.

Estou a dizer que aquele momento foi inesquecível porque vivemos num país dilacerado há muitos anos por uma crise, um país que há muito enfrenta demasiados problemas. Contudo, ao partilharmos com outros, pudemos constatar que não estamos sozinhos. Por todo o lado há desafios que os jovens da minha geração enfrentam e que deverão ultrapassar. É preciso também sublinhar que o acolhimento recebido no Chile, nas paróquias e nas famílias, prova que estamos no bom caminho – e eu venho de um país onde o acolhimento é a nossa primeira qualidade, ao longo da nossa história com os outros povos.

Regressámos a casa com muita alegria no coração, depois de termos participado num encontro cheio de espiritualidade, de partilha e de solidariedade. Estamos também determinados a trabalhar de forma mais próxima com alguns jovens da República Dominicana, que também desejam juntar-se a nós para trabalhar pela felicidade e pela prosperidade de uma ilha mais harmoniosa, uma vez que tivemos a oportunidade de conversar muito fraternalmente com eles, no Chile.

«Em Santiago do Chile, alegria marcou o nosso segundo encontro latino-americano. Para muitos jovens da América Latina, a fé em Deus está ligada à alegria de viver, à alegria da amizade, à alegria de se reunirem com os outros. Não se trata de uma alegria fácil, uma fuga para longe das dificuldades e dos sofrimentos». (Irmão Alois em Roterdão, 28/12/2010)

Amélia (Argentina)

A peregrinação de confiança foi uma experiência de graça e de comunhão vivida em Cristo, um Deus que Encarnou por Amor. No Chile, receberam-nos de braços abertos e com o coração disponível para que Deus trabalhasse de acordo com a sua vontade, tanto junto dos peregrinos como juntos dos que nos acolheram. Foi uma experiência de fraternidade vivida na paz de uma comunhão que transcende todo o tempo e lugar, no qual todos partilhámos a alegria de sermos Filhos de Deus e por isso irmãos de hoje e de sempre.

O que mais maravilhou o meu coração foi o ar de esperança que pude respirar, em todos e cada um de nós, pequenos peregrinos cheios de feridas, sofrimentos, alegrias, que nos unimos na esperança de um mundo melhor, cheio de paz e amor, um mundo no qual todos somos homens que vivem no amor de Cristo, descobrindo nele a nossa autêntica vocação.

Através desta peregrinação, o Senhor também abriu as portas entre irmãos, entre os que partilhámos terras próximas, portas que fortaleceram laços de amizade e comunhão e que permitiram que nos uníssemos ainda mais na oração. Ela dá frutos para lá das distâncias e é tão eficaz que poder tornar visível o invisível em cada um de nós, fazendo-nos participantes da divindade de Cristo.

Francisco (Chile)

Viver em Santiago a peregrinação de confiança foi uma experiência completamente nova. Durante o encontro, ajudei na distribuição das refeições. Entre os momentos mais gratificantes, recordo-me do encontro com jovens vindos de outros países. Foi bom partilhar esses instantes de vida com pessoas tão diferentes na língua, no rosto, na roupa e na cultura.

O que mais me impressionou foi a simplicidade, sobretudo nos tempos de oração. Aí, o meu coração ardia dentro de mim. Cantávamos cânticos em várias línguas e tínhamos o desejo de nos encontrarmos com Deus. Nunca na minha vida tinha sentido com tanta força a presença de Deus – nunca esquecerei aqueles momentos. Foi verdadeiramente espantoso descobrir como Deus se manifesta de forma tão clara, na riqueza da diversidade.

Durante o encontro, também participei nos workshops. O primeiro chamava-se «A esperança e a crise humanitária no Haiti». Foi impressionante ouvir o testemunho de jovens haitianos e descobrir a força e a confiança com que eles vivem as grandes dificuldades que o seu país, cujo tecido social está desfeito, atravessa. Um outro workshop foi para mim uma fonte de inspiração: o encontro com irmãs que vivem uma «aventura com Jesus» entre os pobres, desde há várias décadas, nos bairros mais desfavorecidos de Santiago. Estes testemunhos de vida são, sem dúvida alguma, sinais de esperança que nos encorajam a ultrapassar as nossas fronteiras. Os dias do encontro em Santiago permitiram-me renovar a minha fé e aperceber-me, mais uma vez, de que as diferenças, em vez de nos separarem, são como canais que permitem que trabalheemos na unidade por uma terra fraterna.

Almudena (França)

Ao aceitar ir participar na preparação do encontro de Taizé em Santiago, aceitei deixar-me guiar pelo Senhor, sem saber com o que seriam preenchidos aqueles cinco meses. Preparar o encontro foi um momento de graça, de caminho com o Senhor, quer em sentido figurado quer literalmente! De facto, peregrinámos muito pelas diferentes partes da diocese.

Foram cinco meses de visita nas paróquias, de trabalho com pessoas que aprendemos progressivamente a conhecer. Cinco meses de descoberta de uma Igreja chilena activa, cinco meses em que também dependíamos dos diferentes grupos de preparação. Cinco meses nem sempre simples devido ao cansaço, quando os frutos da preparação eram ainda discretos...

Foram igualmente cinco meses cheios de visitas a escolas, universidades e movimentos da Igreja para convidar a viver esta experiência de encontro. Convite por vezes pouco compreendido, uma vez que este tipo de encontros não entrava nos esquemas habituais: encontro que servia não para aderir a um movimento, mas simplesmente para rezarmos juntos; não para sermos vistos e nos proclamarmos mais sábios, mas para vivermos a partilha e a alegria de sermos cristãos; não para ficarmos juntos mas para matarmos a sede e regressar ao nosso quotidiano como luz de esperança.